

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE FEVEREIRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 111

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
Aluizio Azevedo,
A. de Souza e R. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo:	
X-Moreira Sampaio.....	A. AZEVEDO.
Arthur Mendes.....	A. REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Canhenho de um excursionista.....	A. CRISO JUNIOR.
De Henri Heine, poesia.....	J. DE S. MONTEIRO
«Francillon».....	AMIZ-ALAZ.
Gazetilla litteraris.....	A.
O chorão, poesia.....	H. DE MAGALHÃES
Jornaes e revistas.....	S.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Notas bibliographicas.....	F.
Thestros.....	P. TALMA.
Correio.....	ENRICO.
Correio da Gerencia.....	
Secção de honra.....	
Factos e Noticias.....	
Festas, balles e concertos	LOAGNON.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contas*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas orienturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivos biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adalina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.



Vae fazer trinta e sete annos, e é ainda imberbe. Ninguem lhe dá mais de vinte e cinco primaveras. Ninguem lhe dá nem elle pede.

Nasceu na Bahia aos 9 de Agosto de 1851, e veio muito criouca para a Côte.

Metteram-no no collegio Pinheiro, e elle apaixonou-se pelo estudo e por uma das filhas do director do collegio.

Um dia, *horresco referens!* apanhou meia duzia de bolos em presença da namorada; entretanto, essa humilhação, longe de desmoralisal-o aos olhos della, inflammou-o e decidiu-o definitivamente a amal-o com todas as forças de um coração de virgem. Entendam lá estns coisas! Casaram-se, e já agora têm uma encantadora filha de 14 annos. Estão aqui estão avós.

Moreira Sampaio, á custa de muito sacrificio, formou-se em medicina na Faculdade desta Côte em Janeiro de 1873; mas teve o imperdoavel desaso de trocar a nobre e independente profissão de medico pela de empregado publico. Tres annos depois de formado, entrou para a Bibliotheca Nacional.

Em Janeiro de 1879, por occasião da reforma da Secretaria do Imperio, fizeram-no official desta Repartição, onde até hoje se tem conservado.

O meu amigo teve sempre um pendor irresistivel para a imprensa. Nos tempos de estudante, e mesmo depois de formado, fundou os periodicos *Minerva*

e *Aurora litteraria*. Além disso, collaborou em muitas folhas, e ainda ultimamente, na *Vida Moderna*. As *Novidades* não são, pois, como se tem dito, a sua estreia de jornalista.

Mas o que elle é, sobretudo, é um comediographo; é essa a feição mais pronunciada do seu talento. Tivessemos um theatro, e Moreira Sampaio figuraria, na primeira plana, como um dos mais legitimos herdeiros do Martins Penna.

A comedia de costumes, a julgar por alguma coisa que elle conseguiu fazer representar, teria em Moreira Sampaio desvelado cultor, digno de todos os applausos.

A apresentação e o estudo, embora superficial, dos typos e caracteres; o desenvolvimento das scenas; o encadeamento das situações; o dialogo; a phrase incisiva, theatral; essa coisa que agora se chama o *naturalismo*, que já se chamou o *realismo*, e que sempre se ha de chamar a *verdade*,— tudo isso são segredos de arte de fazer comedias,— e elle os possui, felizmente, alguns por admiravel intuição litteraria, outros em resultado da leitura dos mestres.

Em Junho de 1883 escrevi na *Gazetinha* o seguinte, a proposito de uma comedia sua:

«Ha muito que esperar das aptidões do Sr. Dr. Moreira Sampaio; se ha um Deus para as coisas do theatro, esse Deus que o não deixe esmorecer, que o

faça resistir heroicamente á indifferença dos tolos e á malevolencia dos pedantes.»

Reproduzo esse trecho, porjns naquelle tempo eu ainda não tinha relações de amizade com ouctor dos *Botucudos*.

Além de um som numero de traducções, e duas parodias, *Rosa da Pariza*, da *Dalila*, e *Affres Buscapé*, da *Anda*, e das quatro revistas de 1883, 1884, 1885 e 1886, escriptas de collaboração com o meu melhor amigo, Moreira Sampaio tem escripto as seguintes peças originias: *Entre o Cassino e o Phenix*, 3 actos, *Fagundes & Companhia*, 3 actos, *Os Botucudos* (um primor de graça e observação) 3 actos, *O diabo e o sapateiro*, 1 acto, *O meu amigo Camillo*, 1 acto, *O carnaval de 1882*, 1 acto, o *Rosa murcha*, 1 acto, e em verso.

Já ngorn só me resta dizer que o meu amigo é um bom rapaz, dotado de excellentes qualidades, prompto sempre a sacrificar-se por um camarada, e incapaz de se vingar de quem quer que seja.

Vae para cinco annos que somos amigos intimos: estou habilitado a consagral-o como typo da lealdade. Ah! esquecia-me dizer que Moreira Sampaio chama-se Francisco, o já foi subdelegado e membro do Conservatorio Dramatico.

ARTHUR AZEVEDO.

ARTHUR MENDES

Parte hoje para a Volta Redonda, onde vae fixar residencia, o nosso companheiro estimadissimo, Arthur Mendes, o qual, quasi que desde a fundação d'A Semana, tem servido o cargo de secretario d'esta folha e tem sido um dos seus mais frequentes collaboradores.

E' com grande pezar que o vemos, forçado por circunstançias superiores á sua vontade, privar-nos dos seus proveitosos e desinteressados serviços.

Arthur Mendes é um moço tão intelligente quanto modesto, leal e trabalhador.

Onde quer que se encontre, ha de sempre A Semana levar-lhe a sua saudade e o seu reconhecimento.

Que o nosso amigo encontre fóra d'aqui o completo restabelecimento de sua saúde e todas as felicidades de que o fazem digno o seu talento e o seu caracter—são os nossos sinceros votos.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Offereço uma curul de senador do imperio, uma concessão de loteria e uma penna de oiro a quem me trouzer um escandalo grande e authentico, solidamente provado e documentado, que me dê quatro tiras de prosa *ecclatante* com quatro pilherias originias.

Faço esta proposta ao publico em geral e ao meu leitor em particular, a ver se decido alguém a praticar esse

escandalo almejado, visto ser o interesse que move os homens e dá leis ao mundo.

Nas folhas da semana não achei nada que vallesse a pena de revolver o cneophalo á cata de uma phrase peregrina, de um conceito philosophico, de duas palavras pittorescas e coloridas.

O que hoje não vale mein bora de prosa nem dois minutos de meditação. Emfim, vamos lá passar em revista a semana esteril e examinar o que nella se passou de mais crificavel.

Quandj ou n'a pas ce que l'on aime. Il faut aimer ce que l'on a.

Morreu a questão militar, coitadinha, e morreu para bem de todos,—inclusive os próprios militares—que iam pelo declive da indisciplina cahindo no abysmo impopular dos pronunciamentos.

Uma enia sentida em versos de pés quebrados e todos agudos, como quer o nunca assás C. de L. do *Microcosmo*, ou um pouco de latim rancido não ia mal nesta noticia fúnebre; mas eu sou piedoso: fique tranquillo o leitor, que lhe não impingirei latim nem versos erados.

Todos sabem que o Rio de Janeiro, se não é uma cidade porca como era a Lisboa do seculo passado, não é tambem um modelo de limpeza; mas a sua insalubridade não provém unicamente da incuria municipal, mas tambem, e talvez principalmente, do seu systema de construcções, da estreiteza das suas ruas, da immundicie particular do interior de muitas casas, sobretudo de certos bairros pobres, onde ás habitações faltam todas as condições de hygiene, pois não têm ar, nem luz, nem agua sufficientes ás necessidades indclinaveis da vida.

Foi pensando nestas calamidades que affigem a população da nossa capital, que um cidadão italiano, o Dr. J. Fogliani, ha annos residente entre nós, e benemerito pelo seu talento e dedicação ao Brazil, se lembrou de combinar com o Dr. Ferreira de Araujo, o illustre redactor e proprietario da *Gazeta de Noticias*, a abertura de um grande boulevard, que, partindo da rua Primeiro de Março, desembocasse no parque da Acclamação, occupando em largura o espaço comprehendido entre as ruas do Hospicio e do Senhor dos Passos, ruas onde ha muitos pardieiros indecentes, indignos de uma capital. Os dois cidadãos projectaram a obra, desenharam o plano, calcularam as despezas e os proveitos, e apresentaram tudo ao parlamento, pedindo concessão para executar o grande melhoramento.

Obtido agora o necessario decreto de concessão, convidaram no dia 19 varios eugeubeiros, medicos e jornalistas, e, depois de toda a precissão organisação no parque da Acclamação, foram percorrer a zona onde tem de ser aberto o boulevard.

Eu lá estive tambem, que tambem fui da sucia, e trouxe, ao voltar, a convicção de que a obra em projecto é uma obra monumental, que ba de dar á cidade um valor enorme, melhorar consideravelmente a sun bygiene e augmentar a sua belleza, por enquanto muito semelhante, guardada n indispeusavel relatividade, á do cidadão José Fernandes de Castro, por alcunba —O Urso, sem oitonsa ao respeitavel Sr. Conselheiro Henriques.

Bato d'aqui as palmas sinceras do meu applauso aos iniciadores e executores da mais arrojada obra que se ter

projectado no Brazil, e ardo no desejo de ver coinegados os trabalhos de demolição dos pardieiros da rua do Senhor dos Passos, porque estou morto por ver-me no esplendido boulevard da Imprensa, escrevendo as chronicas d'A Semana no terraço da casa nova, sobre a galeria da direita, n. 36 — que é o numero predilecto cá da rapaziada.

Um acontecimento espantoso deu-se nesta pobre semana que hoje acaba. Foi a nomeação do Sr. Luiz Mendes Ribeiro para commissario da imigração na Europa.

Espantoso porque? perguntará naturalmente o leitor. Ah! meu caro amigo, se a gente pudesse sempre explicar o espanto que sente ao ver ou saber certas coisas, bem bom seria! Não sei, meu rico senhor, não sei porque, mas garanto-lhe que foi espantoso o caso. E garanto-lho porque vi muita gente espantada por causa d'elle, e porque o proprio *Jornal*, que se não espanta nunca, o commentou com certo espanto e uma tal malicia, que se pôde bem qualificar de perversidade:

Ora leia este periodosiubo de uma varia de quinta-feira:

« Não nos consta que o Sr. Luiz Mendes seja bomeim tão perigoso que o governo queira deportar-lo a todo o custo, não podendo fazel-o summarariamente, por ser cidadão brasileiro. »

Já viram alguma coisa mais capciosa e mais perfiada?

Eu declaro que nunca vi.

Mas o que é mais extraordinario e ainda mais espantoso é que, segundo diz a *Gazeta* de hontem, o Sr. Ribeiro « não parte para a Europa, como agente official de colonisação. »

Não sei que possa ter o Sr. Ribeiro que o incompatibilise com o alto e rendoso cargo de agente de colonisação na Europa, mas sei que é elle quem perde pela certa neste jogo... de noticias.

O que se deve constatar, com gallicismo e tudo, é que, d'esta vez, o governo cedeu á opinião publica e á da imprensa, que não viram com bons olhos a nomeação do Sr. Ribeiro. Ainda bem. Se o governo se guiasse sempre pelas necessidades e exigencias da opinião, viveriamos com elle como Deos com os anjos.

Até eu era capaz de pagar ao meu barbeiro, ao Matto — porque eu faço a barba no Matto — a raspação do *cavaignac* do Sr. Mac-Dowell.

Houve nesta semana um rapto e o julgamento de um outro.

Dois escandalos de pouca monta, porque afinal isto de raptos, desde que não haja violencia, não me parece crime de guindar uma pessoa ao Hymalaia da indignação.

Aquillo é como se diz na *Familia phantastica*:

— Eu amo!
— Tu amas!
— Nós nos amamos!

... a tua familia oppõe-se ao nosso enlace porque eu sou pobre ou bilontra, mas tu, que sabes d'isso, queres-me assim mesmo — acabou-se; dá cá o braço e vamos por esse mundo fóra, até que nos obriguem a fazer o que por vontade já teriamos feito.

Não o entende assim o Sr. Dr. presidente do tribunal do jury, que, com a sua intervenção nos dominios da promotoria, obrigou o conselho no dia 9 a condemnar a tres annos de prisão fe a

dotar a raptada — o reu José Alvos Machado, que estava prompto a casar-se com ella so a isso não se oppuzosse, implicita e illegalmente, o Sr. presidente do jury. A sentença foi immoral.

Que acontecerá agora?

Acontecerá que a Relação ha de forçosamente reformar a sentença e obrigando o reu a casar-se com a offendida — que elle, aliás, não offendeu — e o Sr. presidente não se livrará mais da boa sova que lhe deu a *Gazeta* de 10, sova que nem Santo Antonio é capaz de lhe tirar da reputação.

Ora ahí está.

Eu, se alguma vez perdo o juizo e me resolver a raptar uma moça, hei de ter o cuidado de me casar primeiro com ella. O Sr. juiz é que não me apanha nas malhas da sua rhetorica nem que me escache.

FILINDAL

CANHENHO DE UM EXCURSIONISTA

III

AVELLANEDA, ROCA, CHESTER ALPHUR.

Estava de detestavel humor D. Nicoláo Avellaneda no jantar em casa do Dr. Estanisláo Zeballos, em que o vi pela primeira vez.

A molestia que, tão prematuramente, o arrebatou, já o minava nessa época, tornando-o extremamente susceptivel e irritado. Acabavam-se presentes alguns ministros de Julio Roca, a cujos actos o ex-presidente não prestava inteira adhesão. A proposito do Congresso Pedagogico, então reunido, travou-se á mesa viva discussão entre elle e Dr. Wilde, secretario de estado dos cultos e intrução publica. Comquanto perfeitamente cortez, a controversia foi adquirindo a pouco e pouco tons acriminosos: — os contendores falavam alternadamente, sem interrupções, absorvendo a attenção dos convivas, de forma que o excellent menu ia passando despercebido, prejudicado e servido, pois os criados tinham de esperar largo tempo que tocassem nos pratos, muitos dos quaes devolviam intactos. Era visivel o constrangimento dos donos da casa, que, varias vezes, delicadamente tentaram dar termo ao incidente; mas Avellaneda, nervoso, pallido, obstinado, alisando o longo e espesso *cavaignac*, tornava logo á questão. Só se conteve ao *champagne*, por occasião dos brindes, ficando taciturno e amuado. Por fim, querendo quebrar a geral frieza, começou a dirigir a palavra a todos os circumstantes; atravez, porém, das expressões affaveis, transparecia-lhe o surdo agastamento. Voltando-se para mim, de repente, inquirio, ligeiramente ironico:

— Com que então o Sr. deputado faz versos?...

— Satyricos ás vezes; retorqui sorrindo.

A minha resposta contrariou-o. Percebi-lhe o esforço para encontrar uma replica polidamente esmagadora. Não a achando, murmurou apenas: — Ah! bem! e virou-se para outra pessoa.

Dissipou-se-me totalmente esta primeira impressão de D. Nicoláo Avellaneda quando, um anno mais tarde, passou elle alguns mezes no Rio de Janeiro. Não ba aqui quem o conhecesse e não se recorde com saudade d'aquelle cavalheiro fino e amavel, de maneiras tão insinuantes e tão fidalgas, que tão amigo nosso se mostrava, proferindo a cada passo eloquentes pbra-

ses de lisongeira surpresa acerca dos homens e das cousas do Brazil.

Fui apresentado a Julio Roca por seu secretario particular, o distincto poeta Alberto Navarro Viola, fallecido, pouco depois, na flor da idade, deixando opulento espolio de preciosissimos escriptos. Era noite de recepção: — atope-tados os extensos salões do general de casacas e de uniformes. Alto, elegante, muito calvo, apezar de moco, uma expressão de energia e de bondade no masculino semblante, attendia elle a todos com a maior distincção. Tratou-me com apurada amabilidade, apresentando-me a muitos do circumstantes, sumidades politicas, litterarias e militares, entre os quaes a Juarez Celman, actual presidente da republica, então governador de Cordoba, seu cunhado, e conversando longamente commigo, de pé, junto ao fogão. Fez-me mil perguntas sobre o Brazil, interessando-se sobretudo pelos assumptos concernentes á intrução publica. Ha na sua pessoa alguma cousa de imponente e de insinuante, que lhe captiva as vontades e as sympathias. E' incontestavelmente um homem habil. Começou a ser governo bombardeando Buenos-Ayres, destituindo as auctoridades legais d'essa provincia, prometendo, ao que se diz, tres dias de saque a seus soldados. Accusam-no de haver feito politica exclusivista e de nepotismo. Mandou fechar as portas da cathedral para impedir que as familias dos revolucionarios mortos em combate dessem publica demonstração de pesar; levou a divida publica de 52 milhões de pesos fortes a 150 milhões; contrariando antigos estylos, não publicou as contas de sua administração; visando ao que denominava *equilibrio federal* ou *governo forte*, centralizou extraordinariamente a accção administrativa da republica; foram assassinados sob o seu dominio deputados e senadores opposicionistas; empregou a mais desenfreada cabala official para fazer eleger Juarez Celman; os seus parentes e apañiguados enriqueceram, ao que quotidianamente se escrevia na imprensa, em equívocos negocios. Mas, a despeito de tudo, Julio A. Roca deixou a presidencia, popular, bemquisto e respeitado, cabendo-lhe a gloria de passar a nação ao seu successor, — como elle proprio affirmou na mensagem de despedida, — maior, mais prospera, mais rica, em plena paz, recebendo annualmente cerca de 120 mil immigrants espontaneos da Europa. Para commemorar a terminação do seu periodo presidencial, inaugurou na capital 40 escolas publicas, verdadeiros e magnificos palacios.

Emquanto conversavamos, D. Julio Roca teve a gentileza de me offercer um charuto. Recusei, allegando que não fumava; mas, ou não acreditasse, ou não me ouvisse, occupado em attender a um official que lhe dirigira a palavra, o presidente fez-me taes gestos de insistencia, que, acanhado, não tive remedio senão acceital-o e acendel-o ao phosphoro que me apresentou. Era um excellent *havana*, capitoso, fortissimo. Ao cabo de algumas baforadas, sentindo-me tonto, deixei-o apagar-se: — acudio amavelmente o general com outro phosphoro. Fui obrigado a trazer todo aquelle calice; de sorte que, ao retirar-me, levava as mais gratas impressões de D. Julio Roca e da sua inexcusable obsequiosidade, ao lado de

terreiros nauseas produzidas pelo seu charuto.

Nada tem de notavel como architectura a *Executive mansion*, vulgarmente conhecida pelo nome de *Casa Branca*, residencia official dos presidentes dos Estados Unidos.

Mais baixa do que alta, com dois andares, toda de pedra, do seu aspecto vulgar destacam apenas num portico da entrada principal oito elegantes columnas jonhas.

Novava e ventava horrivelmente na manha em que lá fui, em companhia do representante do Brazil, para ser apresentado a Charles Arthur. Na vespera o secretario d'Estado, ministro de estrangeiros, — Frilingysen, havia marcado a hora certa da apresentação. Estávamos na sala de espera, desentranhando os trajas de cerimonia de sob os amplos sobretudos, e descalçando com as mãos entunguidas os grossos sapatos de sola adhesiva, proprios para se andar sobre a neve, quando, acompanhado do referido ministro, passou um homem alto, corpulento, de aspecto grave. Era o presidente. Quizemo-nos levantar, mas elle comprimtou com a cabeça e seguiu. Minutos depois um criado veio communicar-nos que S. Ex. estava á nossa espera no salão verde. Ha-os na *Casa Branca* azues, vermelhos e um denominado de léste, onde tem lugar as audiencias. Encontrámos no tal salão o ministro da Austria-Hungria, que fora apresentar tambem um seu compatriota, sujeito imponente, muito barbaudo. Mal entrámos, appareceram Chester Arthur e Frilingysen, trajando o primeiro um costume de inverno, escuro, gravata azul com pingos prateados, uma flor na lapella do frack. De resto, um homemzarrão, de grandes pés e largas mãos, auissas curtas, emoldurando-lhe as rubras faces adiposas. — nos modos, — genuino yankee.

Frilingysen, com a sua barba grisalha em collar, sem o menor donaire no corpo magro e desconjuentado, murmurou algumas palavras voltado para os austriacos; depois, estendendo o braço para o meu lado, com voz estridente: — « *Mister Cilso, member of brazilian parliament* ».

Chester Arthur deu-nos a todos um vigoroso *shake-hands*, rosnando e umas coisas em que apenas percebi: *very well, very well*.

Em seguida ficámos todos de pé, á espera, em grupo, num silencio embaraçado. Ao cabo de alguns segundos, o presidente dirigio varias perguntas ao apresentado austriaco. O homem parecia surdo, porque limitou-se a arregalar os olhos, inclinando o onvido direito para o interlocutor. Foi o respectivo ministro quem respondeu.

Voltando-se então para mim, travou Charles Arthur commigo o seguinte dialogo, textual:

- Fala inglez?
- Ponco e mal, Sr. Presidente.
- Com a pratica ha de ir aprendendo. Está ha muito tempo nos Estados-Unidos?
- Ha dois mezes, Sr. Presidente.
- Teu gostado?
- Mnitissimo.
- Oh! E, na verdade, um bello paiz. Como vaes D. Pidro, vosso imperador?
- Bem, muito obrigado.
- Conheci-o quando aqui estovae. Bello homem! Não sei se elle se lembrará de mim.»

Fizemos, o ministro do Brazil e, em

um gesto de acquiescencia. O presidente deu-nos novo aperto de mãos, muito vigoroso e sacudido. Estava finda a apresentação.

Ao sahir, com mil precauções para não cacorregar sobre a neve, que ainda mais branca tornava a casa presidencial e tapizava o solo de alvissimo lençol, avistei o meu collega, o apresentado austriaco, falando com animação ao seu ministro, enquanto o vento lhe esparzia as longas barbas. Não entendi o que dizia, mas os seus accionados e o seu ar exprimiam claramente: — « Com franqueza, eu esperava outra cousa, »

AFFONSO CELSO JUNIOR.

DE H. HEINE

Renascas maio.
Candidos lírios, rubescentes rosas
riem na veiga. Em languido desmaio
no azul se esfumam nuvens vap'rossas.

Na pmaria
Requebrs o rouxinol subit's gorgeios.
Pulam na matta, verde e luzidia,
alvos cordeiros entre capros felos.

Na foto relva
me estiro inerte, lugubre, gemente:
ouço o longinquo sussurrar da selva,
ejem vago somno patro inconsciente.

A tua carta não me fez recio.
Que queres, minha vida?
Juravas: « Já não te amo ». E eu creio,
Mas juravas-m'o em carta tão comprida:

Seis folhas e de letra miudinha!
Um manuscrito ingente!
Escreve alguém acaso tanta lhaia
para dizer adeus unicamente?!

Como no mar undoso, eacapellado
da lua o disco doudamente oscilla,
e ella resvala, limpida e tranquilla,
da noute sobre o manto constellado;

Assim deslizas em perpetua calma,
no fundo azul de immaculada vida,
e treme a tua imagem na minha alma
na minha alma, convulsa e dolorida.

JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO.

FRANCILLON

(PEÇA EM 3 ACTOS, POR ALEXANDRE DUMAS)

Em nossa secção de *Theatros*, falamos na nova produção de Alexandre Dumas, *Francillon*.

Desgraçadamente não podemos dizer d'esta peça o que diríamos de outras do mesmo auctor, a *Dama das Camélias*, por exemplo, que foi o seu primeiro trabalho e que talvez será sempre o melhor.

Francillon é a obra de um mestre, não ha duvida, mas não é o producto de uma commoção, não tem sentimento, não tem convicção nem sinceridade.

E' triste reconhecer a funesta tendencia que se nota agora nos auctores francezes para a dissertação abstracta, o que, principalmente em Alexandre Dumas, tem-lhe estragado as melhores inspirações.

Sabemos que uma obra d'arte só vale e só viverá na memoria das gerações pela philosophia que ella possui; mas, valha-nos Deus, esta philosophia deve evaporar-se da obra naturalmente, sem esforço, como o sandalo exhala o seu perfume quando alguém lhe mette o machado.

Em theatro, mais do que em qualquer outro genero, o auctor precisa, para dar um alcance profundo e dura-

douro, fazer o seu drama o mais verdadeiro e natural que for possível.

No theatro não se quer saber quaes são as ideias do auctor, mas sim quaes são as ideias dos personagens que elle põe em scena, o que é coisa muito differente.

Sabemos que Alexandre Dumas tem boas ideias, olá se as tem! e muito originaes, que duvida! ás vezes até um tanto excentricas; mas, quando vamos ao theatro vêr nma peça nova, não queremos saber nem ouvir quaes são as ideias do Sr. Alexandre Dumas nem de qualquer outro; o que nós queremos; o que nós desejamos encontrar ali entre os bastidores, sob as bambolinas, illuminado pela ribalta, é o que se passa na vida real; são esses singelos episodios da vida vulgar, que, postos ali por um talento creator, se transformam no drama e chegam ás vezes ás proporções d'isso que se chama *Othello* e isso que se chama *O Tartufo*.

Que no Brazil o publico se illuda com o fogo de artificio da rhetorica — vá; nós somos um povo idiota e ainda na primeira morda dos dentes; mas que em França, em Paris, nessa capital que dá ao resto do mundo as leis do bom gosto e escreve *au jour le jour* o codigo da arte; em Paris, haver um escriptor de grande nome, um filho reconhecido do homem mais francez que encheu as folhas, as bibliothecas, as salas, a phantasia e o coração dos francezes e francezas durante a metade de um seculo brilhante; haver um Alexandre Dumas que, esquecendo toda a aspiração do seu tempo, toda a dignidade de não mentir á sua época e aos seus collegas de letras, queira impingir uma francarbetorica em vez de uma produção sinceramente litteraria — isso é o que não se perdôa, e é contra isso que nós protestamos d'aqui do estreito comoro d'este unico jornal litterario do Rio de Janeiro.

E' natural que d'aqui a muito pouco tempo *Francillon* seja representado pelos nossos actores e que o publico o applauda com o mesmo inconsciente applauso com que applaudio *Denise* e *A Mulher de Claudio*.

Estão no seu direito: aquelles como inveterados exploradores do theatro francez; este como criancola inconsciente que vae comendo tudo o que lhe põem de fronte dos olhos, seja uma tragedia de Eschylo, seja uma comedia de Aristophanes, ou seja uma opereta de Castro Lopes.

Mas nós somos nós, que diabo! e a França é a França. Nós somos brasileiros, porque aqui nascemos e não temos outro remedio senão nos resignarmos ao triste e acanhado destino que nos legou a nação materna; mas elles lá, os francezes, esses que não fallam em portuguez, não precisam absolutamente fazer coisa ruim e estupidamente convencional. Não precisam faltar ás suas convicções litterarias, porque lá existe um publico numeroso que é a garantia de toda a obra escripta conscienciosamente.

Entendemos por consequente que Alexandre Dumas, se reincidir na culpa em que elle tem cahido nas suas ultimas obras, tornar-se-á immercedor do nome que seu pae lhe legou e que a França lhe deixou usar, talvez em um momento em que se achava de commoção com a perda do seu amado filho bohemio, o grande, o bom, o forte e ingenuo auctor dos *Tres Mosqueteiros*.

ALIZ-ALAZ.

GAZETILHA LITTERARIA

De uma carta que nos dirigio da Bahia o Sr. Xavier Marques, auctor dos *Themas e Variações* e das *Simplex Historias* transcrevemos os seguintes topicos que, á parte o que a sua sympathia lhe dictou a nosso respeito, encerram criteriosas observações:

«E' *A Semana* reconhecidamente fugo para onde estão convergindo, numa camaradagem que edifica e dá força, as genuinas vocações litterarias, os legitimos homens de talento. Por intermedio d'ella setém revelado uns e popularisado outros. Porque, supponho, os livros, dado o insignificants consumo que têm no nosso mercado, graças á litteratura estrangeira com que nos abarrotam os editores á falta das

restricções de um certo protectionismo litterario, os livros não possuem o poder de propaganda, que somente ás revistas periodicas, e a modico preço, está reservado, por enquanto. O livro por melhor que seja raramente ultrapassa os limites da provincia em que teve publicidade. Numa capital de primeira ordem, como é esta, não se encontra livraria onde adquirir uma obra da litterata brasileira, quer do norte, quer do sul. Procurei, sem nunca encontrar, por não alguns *as Historias em data, as Symphonias* e os *Santos e Poetas*. Ao passo que o ultimo romance de Montepin, apenas começa a acollar o *Relapso do Petit Journal*, ja corre em fasciculos, bem ou mal traduzido, pelos mercados de todas as capitães. — Tenho visto bibliothecas de romances onde não logram figurar, d'entre em auctores estrangeiros, dois nacionaes. A romantica moralisadora e meio carola de Escherich alastra-se por todas as estantes; um ou outro livro de Hugo perdido na legião fanalhuda e temerosa dos volumes do *Rocambole*. Onde está a *Casa de Pendo*? quem viu *Braz Cubas*? quem o *Seminarista*? Raramente algum livro de Alencar ou de Macedo. — Em tres circumstancias, nas em que se acha no actual momento a menosprezada litteratura nacional, não ha duvida que compete ás publicações como *A Semana* uma grande tarefa: a propaganda em sentido contrario áquelle em que trabalham de cumplicidade a falta de uma lei sobre a propriedade litteraria, o communismo dos editores e o estrangeirismo do publico. — A julgar pelo que aqui acontece, Sra. redactora, quantos d'esses que tanto abrilhantam as paginas da vossa folha, estariam até hoje, talvez, pouco conhecidos sem a vulgarisacão facil das produções d'elles, sem a ampla divulgacão que só os jornaes alcançam! Por maior que seja o merecimento dos que se têm mostrado d'abi d'essas columnas tão cheios de prestigio e talento, esse merecimento não poderia lutar contra a ausencia da justiça que nellas se faz e a deficiencia de publicidade que logram os livros brasileiros. E' por isso que eu digo, fazendo-me echo de autorizadas opinioes, que *A Semana* está prestando assignalado serviço ás letras patrias; e por isso ainda, Sras. redactores, é que com os meus sinceros agradecimentos envio-lhes as mais sinceras felicitações.»

O novo livro de Ohnet — *Noir e Rose*, esse livro que a critica apaixonada de Paris diz revelar uma nova maneira do auctor, está já na vigésima edição.

George Ohnet, sempre de uma felicidade muito superior ao seu merito, esmalhado discipulo de Octave Feuillet, vae assim conquistando o que outros com melhores direitos não conseguem, como succede com Huysemann por exemplo, ou com o desprotegido auctor de *Le menage*.

E' que o Sr. Ohnet não vale por si, mas por aquelle a quem elle, na falta de homees, veio substituir. Feuillet era o unico que o velho grupo apaixonado pelo romantismo oppunha ao prodigioso Emilio Zola, e, visto que Feuillet está cansado, inventaram Ohnet, e á forza de boa vontade, conseguiram impo-lo ao publico francez.

Parece impossivel que essa mesmagaente franceza, que é ás vezes tão difficil de contentar tenha sido tão condescendente com um escriptor mediocre, falso, immoral e esteril.

Augusto Vitu está fazendo um longo e acurado estudo, que servirá de prologo a uma nova edição da comedia de Poinssinet, *Cercle ou la soirée á la mode*, editada pela livraria Ollendorff.

A Comedia *Franceza* tenciona represental-a brevemente.

Alphonse Daudet e Henri Becque, auctor da *Parisienne* que, segundo a opiniao de Mery, a peça mais notavel que se representou em Paris depois da guerra, Gaston Paris e Jules Claretie, foram condecorados com a legião de honra.

Foi com este acto louvavel que Berthelot, o novo maaistro da instrucção publica em França, estreou-se no ministerio.

Ainda faltam nada menos de tres mil francos para se inteirar a somma esti-

plada para a estatua de Gustavo Flaubert, que se projecta levantar em Ruem. O monumento custará dozo mil francos.

Para obter aquella quantia, Edmond de Goncourt está organisando no Odeon um encantador espectáculo, constante do seguinte: Um acto do *Henriette Marcella*, drama que o promotor da festa escreveu ainda em vida do seu irmão Julio, o genio do seu talento, o collaborador da sua gloria, o cumplice daquelle deliciosa conspiração contra o delirio da fôrma; e mais um acto do *Arlesienne* de Daudet; e mais um acto de *Thérèse Raquin*, de Zola; um acto em verso de Guy de Maupassant, *Histoire du vieux temps*, uma das mais bellas crissas que se tem escripto no mundo.

E é assim que em Paris se pratica, quando se quer honrar a memoria de um escriptor notavel.

Ah! se aqui cuidassem com o mesmo entusiasmo de render aos nossos mortos illustres o preito devido ao seu valor, o Penna teria uma rica edição das suas adoráveis comedias; os dramas de Gonçalves Dias estariam decorados pelo publico; Macedo teria o seu husto fundido em bronze; João Lisboa não seria um mytho para muita gente; o imperial theatro S. Pedro de Alcantara chamarse-ia simplesmente theatro de João Cne-tann; o originalissim romance *Memoirs de un sargento de milicias* teria uma edição official, illustrada pelo Belmiro de Almeida ou pelo Aurelio de Figueiredo.

A.

O CHORÃO

Entrei no cemiterio e caminhando
Pela cidade tetrica e medonha,
Vi um chorão, sepulchros sombreado,
E essim falei á arvore tristonha:

— O' desgrenhado tronco lacrymoso,
Tu, que és da Morle a muda sentinella,
Que sombrêas do morto o frio pouso,
Não vês? Preser em tudo se revela.

Repara: o sol tem vividas ardensias;
Sacode alegre as frondes o arvoredo;
Tem o Céu esplendores e opulencias;
Grasma festivo o corvo, — o corvo tredo:—

Tudo caeta e sorri. Quem passa escuta
Os bezouros zumbindo sobre as flores,
A ecloga dos passaros na gruta,
O ruinar da cascata e mais rumores...

Dos meusoléos rebrilha a douradura...
Um par garrido e garrulo de rolas
Beija-se sobre a tua coma escura;
Sorri-se a côr das rubidas papoulas.

Aninham-se no vão das catacumbas
As camaxirras pardas chilreando;
Pousam sobre as campanulas das tumbas,
De borboletas mixticôres handos.

Brota o cadaver do terreno uherriro
Em seiros pedunculos floridos!
Só tu choras... tu só, chorão mizerriro,
Tens os teus braços para o chão pendidos!

A negra cruz que a madrugada inunda
De rosieler e o orvalho de pingentes;
Que de arrecadas de ouro o Luar circumda,
Que o Sol orna de perolas candentes:

Tê mesmo a cruz suspende a fronte aos ares,
Os braços ahre, tem açção, implora!...
Tu, somente, envolvido em teus pezares,
Lembras maldicto ser que, eterno, chora...

A coruja casquina a gargalhada
Longa, convulsa, lugubre, nevrotica!
Reina a Alegria, e, — imperatriz despotica, —
Traz toda a Natureza avassalada!

Oiha: — juncto a teu pé ri-se a caveira.
Ri-se pra ti... Oh! ri-se a propria Morle
E tu pranteias!... Dize-me: — que sorte
Das Tristezas elou-te á gargalhira?

Soltam no espaço um hymno as toutinegras...
Farfalha alegre, ó funebre arvoredo!
Mas, sacandim as grenhas verde-negras,
O chorão disse a medo:

« Sabes de que é que esta caveira ri-se?
Das pompas fatuas d'este mundo agreste...
Ri-se dos entremuezas, da estultice
Dos homens, que, no goso, na ledice
Do Amor, se esqueceram do feral cypreste:

Eu sei que tudo ri-se e ludo canta;
Mas... olha: tu, que estás-me interrogando
Não sabes; — eu brotei da Terra sancta
Chorando!

E' chorar meu dever, é meu conforto.
O morto hei de chorar eternamente,
Porque sou da Amargura o emblema, ouvistes?
E é só meu verde pranto, elle somente
Que banha a sepultura:

Eternamente hei de chorar o morto:
E' meu conforto... Serei sempre triste!
Sou o pendão da Dôr,
— O emblema da Amargura, —
E' triste a minha côr;
Somente pranteiar
E' meu dever.

Deixa-me; enquanto vivo, hei de chorar...
Hei de chorar o morto... até morrer.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

JORNAES E REVISTAS

O n. 290 da importante revista illustrada. — *O Occidente*, que se publica em Portugal, alem de varias e hellas gravuras offerece aos seus leitores um texto magnifico, destacando-se neste a *chronica occidental* de Gervasio Lobato.

Está simplesmente esplendido o n. 4 da *Procellaria* que se publica em S. Paulo sob a direcção de Julio Ribeiro. As suas tres primeiras paginas são illuminadas por um artigo de seu proprio director, em o qual o insubmisso republicano vê hêra desassombadamente o partido republicano de S. Paulo, considerando-o nocivo á causa democratica naquella provincia. As outras paginas trazem a continuação do *Desporto* e as secções do costume. S.

AQUI, ALI, 'ACOLÁ

A baroneza de Rouves, para encerrar com uma festa original o anno que acabou, deu em Paris um baile de violetas. As damas apresentaram-se todas vestidas de branco e cada qual enfeitada de violetas de uma cor: violetas azues, roxas, amarellas, côr de rosa, escuras, claras, um delirio de flores de todos os matizes.

Uma grande corbelha de pequeninos ramos de violetas de varias cores foi trazida para o salão, cada um dos convidados tomou um d'elles e collocou-o ao peito.

Esse ramilhete dava direito a cada cavalheirn a dansar uma valsa com a dama, cujas violetas fossem da mesma côr que as d'elle, e esta valsa devia principiar pouco antes da meia noite.

Um grande tympano de prata hatu afinal as 12 horas e, ao toque da ultima hadalada, na passagem de 1886 para 1887, cada uma das damas aproximou a face dos labios do seu cavalheiro, e um côro de heijos encheu a sala.

O ministerio da instrucção de França anctorisou o director do museu de Cluny a fazer presenté á Comedia Francaza da mandibula de Molière, reliquia que alli figurava até agora sob o n. 7393.

Esta reliquia é acompanhada por uma inscripção dn Dr. Julio Clouet, por onde se sabe que ella foi trazida do cemiterio Saint-Joseph.

O Dr. Barbosa, vice consul do Brazil em Paris, fez no seu palacet, na Cité Malesherbes, uma excellente festa artistica, em que se dansou, tocou-se muito e representaram-se comedias e monologos. As duas sympathicas filhas do dono da casa foram muito applaudidas, quer na parte que tomaram no concerto, como nos papeis de que se encarregaram na representação.

PASSEPARTOUT.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Recebemos do Sr. Marques de Carvalho as suas *LAVAS, carta ao Pará, com um prefacio por Alvaros da Costa*, 23 paginas in-8º fr., Recife, typ. Apollo.

Não sei que dizôr d'este poeta nom d'este folheto. O poeta vê-se que tem talento e animo de luctador. Não lhe sei a idade, mas mau será se já não fôr criança. Vibra-lhe no peito e intumescce-o de patriotismo, ou antes — de provincialismo, uma demagogia assás phrygia a que só falta o criterio da idade para dirigir convenientemente a lyra revolucionaria do poeta. No cumulo da exaltação, quando o Sr. Marques julga pairar nos espaços épicos de Homero e Eschylo, quobra-se-lhe de repente uma nza e lá vem elle por ahi abaixo até ao ridiculo d'esta e quejandas quadras:

« As riquezas reaes que usurpa-nos o Rio
Serem para tornal-o esplendido e gentil.
Se um paranse ali aporta: — « E' um hogio,
— Dizem logo, — fugio a féra do covil! »

Eu tenho visto chegar ao Rio muito paranse e nunc ouvi ninguem dizer — « E' um hogio, fugio a féra do covil! », — como affirma o terrivel Sr. Carvalho. Nesta data escrevo aos Srs. Drs. José Agostinho dos Reis, engenheiro, e Alcibíades Furtado, advogado e poeta, pedindo-lhes o ohsequio de me informar se é effectivamente costume do Rio o chamar *hogios* aos dignos filhos do Pará, e acusal-os de serem feras fugidas do covil.

Se fôr, eu niando d'aqui um abraço damnado ao Sr. Carvalho e começo tambem de odiar os sulistas.

Mas se não fôr... se não fôr, não torno a ler as cartas que o Sr. Carvalho escrever ao Pará do seu coração.

Os editores Teixeira & Irmão (S. Paulo) remetteram-nos um exemplar do « *Holmes Brasileiro ou grammatica da Puercia*, que é uma traducção da importante *Introduction to English Grammar* do grande grammaticograph G. F. Holmes, e adaptação á lingua portugueza por Julio Ribeiro.

Este trabalho é digno de louvores e com elle Julio Ribeiro veio, mais uma vez, com a sua auctoridade de mestre na materia, facilitar, aos que principiam, o estudo da grammatica portugueza.

O Sr. Alberto Victor, distincto abolicionista e dedicado vereador da Camara Municipal de Nitheroy, enfeixou em um volume, de 168 paginas, sob o titulo — *Trabalhos de Vereação*, todos os seus pareceres, posturas, propostas, requerimentos e iudicações, apresentados nas sessões effectuadas durante o quatriennio de 1883 a 1886.

Pela leitura que fizemoa d'esta importante collecção que honra sobre maneira o espirito indepentente e lucido do illustre vereador, vemos mais uma vez, como elle se tem dedicado altamente ás causas que visam o bem e o interesse publicos.

E, como Nitheroy é um paiz grandemente exquisito e essencialmente pacato, é bem possivel que pague ao Sr. Alberto Victor todos estes seus relevantes sorvicos, com alguma *ingratidão*.

Se tal não fizer é caso para uma pessoa morrer embasbacado ou suicidar-se cinco vezes, pelo menos, ante aquella heroica cidade.

— *Questões Politicas e Sociaes* —

E' este o titulo que tem a collecção dos importantes discursos proferidos na 1ª Secção da 20ª legislatura da Assembléa Goral Legislativa pelo Sr. Senador Alfredo d'Escragnoille Taunay. Deve ser attentamente lido este volume. Elle prova que o Sr. Taunay toma a serio o seu mandato de representante da nação.

Por intermedio do Sr. Manoel Lopea Martins chegaram-nos ás mãos os quatro primeiros fasciculos do *Diccionario encyclopedico portuguez illustrado*, de Francisco de Almeida, impressos em Liabba por uma empreza creada especialmente para esse fim.

Ao que parece é obra de elevado merecimento e indiscutivel utilidade e digna de ser acolhida por todos com a maior sympathia e recommendada com o maior empenho.

Segundo o seu programma, ha de ser o dictionrio mais completo que até hoje se fez em lingua portugueza.

Que o melhor resultado corêo o fim de tão louvavel e promettadora empreza é o que desejamos.

Pelo nosso saudoso collega Dr. Lopes Trovão foi nos remettdo um exemplar do livro *Viagens*, (*A Sicilia, Malta, o Egypto*) de Eduardo Prado, impresso em Paris, no anno passado. Tem 250 paginas, formato elegante, impressão nitida. Pode esta obra apreciada especial e demorada, que em breve daremos.

Temos soh os olhos *Um anno de imprensa*, pelo Sr. Dr. Cyro de Azevedo. « Não é propriamente um livro isso que remetto á publico — diz, abrindo a sua obra, o auctor — Conjunto de artigos inseridos em jornaes de S. Paulo e da côrte, que mo deram hospitalidade, durante o anno findo, não pôde ohedecer a um pensamento unico, ao desenvolvimento de uma só thesa. » O titulo do folheto bem o define: — *Impressões atradas logo depois dos factos e uns poucos estudos litterarios, sahidos á titulo de ensaios.*

O livro tem 220 paginas, limpante impressas. D'elle esperamos dizer proximamente cnssoante o seu merecimento e a consideração que é devida ao talento do seu auctor, um dos nossos mais prestantes collaboradores.

F.

THEATROS

A *Gazeta de Noticias*, a contra gosto da Aluizio Azevedo e Olavo Bilac, quebrou o segredo da traducção do admiravel drama de Victor Hugo — *Le roi s'amuse*.

Os traductores auhiram ao arame com a indiscrição da *Gazeta*; elles queriam fazer uma surpresa ao publico, e o Vasques lhee havia pedido o mais absoluto segredo a respeito d'esse novo arrojio em que os tres se mettem!

Sim, porque é preciso notar que Olavo Bilac e Aluizio Azevedo estão traducindo *Le roi s'amuse*, em verso e, o que é mais, em verso alexandrino, rigorosamente rimado, com todos os requisitos da arte, sem um verso mais do que ha no original; o que faz com que esta traducção represente uma obra de grande consciencia litteraria e muitissimo trabalho.

O facto é curioso, principalmente pelo que diz respeito a Aluizio Azevedo, pois que este, se hem que tenha já viajado de vez em quando pelas regiões azues do verso, havia-se ao que parece instalado nos pittorescos arraaes da boa prosa naturalista e só nos dava regularmente romances de grandes proporções, como *O Coruja* e *a Casa de Pensão*.

Entretanto, hoje que se diz em França á bocca cheia que Emilio Zola é um grande poeta, pouco deve espantar que Aluizio traduza em verso o drama do grande sonhador francez, e ainda mais, que apresente peças novas, de sua lavra, metrificadas e rimadas, com o mesmo talento com que estão escriptos em prosa *O Mulato* e *O Cabolo*.

Brevemente presentaremos os nossos leitores com uma das scenas d'essa bella traducção.

Alexandre Dumas (creio que não é necessarin acrescentar — filho) fez subir em 18 do mez passado na *Comedia Francaise* a sua peça em tres actos, *Francillon*.

A este respeito Leon Bernard-Derosne publica no *Gil Blas* um extenso artigo critico, que recommendamos aos nossos leitores.

Nesse artigo trata-se da habilidade do filho do grande Dumas e nunca se fala em talento ou genio; é singular o modo porque nesse ponto tem influenciado sobre o espirito francez o despretençioso artigo que Emilio Zola escreveu um dia para um jornal da Russia e reunio depois com outros em um volume, que elle intitidou — *O naturalismo no theatro*.

Ah, escriptores francezes, sois vós, felizes succelotes d'esta grande religião das letras, os unicos que pompeiam verdadeiramente felizes no mundo incomprehenivel do espirito. Soia vós que deveis sentir deveras a voluptuosidade da vossa prolifação de artistas da palavra. Escreveis, felizardos, em uma lingua que todo o mundo lê ou finge ler: escreveis um um tal meio litterario que, por peiores que sejas, haveis de ser hoas, porque o resto do mundo não vos perdoaria o serdes maos.

Vé, leitor da *Semana*, vé como esta minha pohre lingua portugueza s tudo me obriga, ate fallar em tratamento de vós, o quo em francoz é natural e elegante e em portuguez é affectado e desairoso.

Ah! Inconfessavel martyrio é este de escrever a gente num lingua e confessar que desejaria escrever noutra. Quo me importa a mim que o senhor Tulio, auctor dos *Estudinhos da Lingua portugueza*, e quejandos puristas visionarios que affirmam que a nossa lingua é a melhor do mundo, digam que eu, dizendo isto, não passo de um pedaço d'aeno?

Sim que me importa, so a nada sacrifico a minha sinceridade e a verdade é quo o mais profundo desgosto, o mais negro pezar, invade-me todo, quando eu me lembro que tudo o que mo eahio já da penna, tudo o que está eehindo, e tudo o que ha de eshir, é escripto em portuguez, o que significa que não foi nunca escripto, porque o portuguez não existe.

Tristo o verghonhosa evidencia. Ter uma lingua s não ter um idioma; escrever e não publicar senão para dois paizes que nada mais são ainda do que duas hypothosos no mundo em que se pensa, e se concebe, e se determina.

Tudo isto, meu leitor, e proposito da nova peça de Alexandre Dumas, como poderia ser a proposito de um conto de Cautelle Mendés.

E Catullo Meadés, adorabilissimos leitores, é um portuguez de muito menos morio e capacidade do que Eça de Queiroz; mas este escreve em portuguez, e aquelle talha as suas mimosas composições nossa lingua venturosa e gloriosa em que escreveu Boileau e em quo escreve Armand Silvestro.

PHENIX DRAMATICA

Desenterrado da poeira dos archivos dramaticos reapareceu na Phenix *O Conde de S. Germano ou o Diabo em Paris*, drama que viramos pela ultima vez ha mais de vinte annos, fazendo então o protagonista o finado actor Guesreiro.

A reprise do *Conde de S. Germano* assignala mais uma vez a boa vontade da empreza da Phenix em variar os seus espectaculos, e evidencia, no desempenho da peça, os esforços e estudo d'aquella troupe dramatica para hem corresponder ao publico, que, afinal, parece encaminhar-se regularmente para o velho theatro da rua da Ajuda.

O drama tem todas as qualidades para agradar muito, (de parte umas pequenas inverosimilhanças conhecidas por conveniências scenicas); e de facto agradou, como o provam as successivas enchontes que o theatro tem tido e os applausos que os espectadores tributam aos artistas encarregados do seu desempenho.

Destes destacaremos D. Julia de Lima, que provou novamente o seu talento e hella intuição no papel da marquezia Appiani, fazendo todo o 5º acto, especialmente, de um modo digno dos mais francos louvores; D. Francisca de Salles, que no difficil papel da cega manifesta os seus constantes progressos e dedicação pelo trabalho; Lishoa, no protagonista, embora não achemos que o personagem hem calhasse; Pestana que fez esplendidamente o Antonio Arara e, finalmente, o actor Galvão, que desempenhou correctamente o papel da que se encarregou.

Os demais artistas: contribuíram para o bom exito da peça, que está posta em scena cuidadosamente e que, por todas estas razões, deve t guar ainda muito tempo nos cartazes da Phenix.

O drama repete-se hoje e amanhã.

Prepara-se neste theatro uma comedia revista, com o titulo *Ha alguma differença?*

Dizem-nos ser feita pelo Sr. A. Fahreges em collaboração com o actor B. Lishoa.

LUCINDA

Os artistas da extincta companhia Cardoso constituiram-se em associação e vão trabalhar neste theatro.

Da nova associação fazem parte Xisto Balthia, Peixoto, Colás, Fanny, Clelie, Jacintha de Freitas e outros artistas conhecidos e estimaveis.

Logo depois do carnaval representarão uma nova revista do anno, escripta pelos nossos collegas Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

RECREIO

Por toda esta semana deve subir á scena d'este theatro o grande drama *Maria Antonietta*.

Por enquanto continúa a *Familia Phantastica* a receber lá as visitas do publico.

SANT'ANNA

Parte brevemente para a Europa a estimada Mme. Delmary.

Para substituil-a, contractou o Heller a Sra. Massart, que se estreiará na *Toutinegra do Templo*.

PRINCIPE IMPERIAL

Zé Caipora tem feito o diabo e continue a passar em revista os acoutecimentos do anno passado.

E agora vae-lhe o auctor offerecer mais um quadro, dizem que muito bom.

Depois d'amanhan — a recita do auctor. Parahens ao Mschado.

P. TALMA

CORREIO

Sr. A. de Fontoura (*Capitão honorario e alfaiate*) Lemos a sua *Reminiscencia ao Publicador Goyano* (olhe bem: nicencia...) e d'este seu artiguinho apenas estamos de accordo com estas suas tres primeiras palavras: *Sou muito ignorante...* — Lá isso é. E não se *azangué*, seu capitão alfaiate.

Sr. Xavier Marques. Muito agradecidos pelos seus ohsequios e pelas suas amaveis palavras. Não tem nada por que nos fique obrigado: apenas fizemos justiça ao seu talento e ao merito de sua obra. Perdoar-nos-á a liberdade de transcrever, em outro logar, algumas das criteriosas observações de sua carta? Fazemol-o sem que, comtudo, possemos attribuir as suas palavras a nós referentes senão á sua honradez e á sympathia que desde muito manifesta pel' *A Semana* e que esta cordialmente agradecemos.

Sr. — Um assignante d' *A Semana*. — A' consulta que hontem recebemos sobre F. e S. não podemos responder, por ser ella anonyma. Queira, pois, o consultante vir subscrevel-a.

Sr. S. O seu sonetinho ao «gracioso Arlindo» é bonitinho; dar-lhe-lhamos mesmo um logarzinho mas temos todo o nosso espaço occupadinho.

Sr. J. B. O Dr. Sshen diz que não se lembra de hever tratado da tal historia da longévidade. E não — que não podemos dar-lhe matorea explicações porque não lhe sabemos o nome, e sómente ás consultas de assignantes temos por praxe responder.

ENRICO.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. Antonio de Souza Menezes—S. José de Leonissa. A colleção, encardernada, do anno de 85, custa 158000. Remessa por nossa conta.

Sr. H. Velloso.—S. José d'El-Rei—As condições da assignatura d'esta folha são publicadas na sua primeira columna, como V. S. poderá verificar no exemplar que sempre lhe remettemos gratuitamente.

Sr. A. M. de Souza.—Sant'Auna de S. João Ácima.—Não cousta que V. S. já tenha pago a sua assignatura. Está, pois, em debito desde que recebe a folha.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d' *A Semana*, e que se acham quites para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 39, uma relação dos seus nomes, á qual serão taunhem adicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, virem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE

(Conclusão)

Felisberto Domingues Lopes. Carlos Moraes. Antonio Joaquim Pereira de Almeida. Custodio Teixeira Pinto. Dr. Araujo Filho. Congresso Brasileiro. Bento Antonio Baptista Ferreira. Manoel de Freitas Brandão. Antonio Pereira da Silva. Dr. Uhalindo de Amarsl. Cotrim de Almeida. Dr. José Antonio Lutterhach. Jacintho Roque Condé dos Santos.

FACTOS E NOTICIAS

A distincta e popular compositora D. Francisca Gonzaga offereceu-nos um exemplar da sua polka—*Viva o Carnaval!*

No genero é o que ha, para nós, de mais saltitante e alegre. *Viva o Carnaval!* é uma polka capaz de fazer dansar o Padre Eterno se elle, de lá do ethereo assento onde repouse, pudesse ou antes quizesse ouvir-a e apreciar-a, como nós, pobres mortees ligados a esta *borracheira* da vida, onde para esquecermos tristezas e maguas precisamos de tonicos como este, onde a musica arrebatana-nos e faz-nos cahir desassombadamente na dansa.

Deliciosa a *Viva o Carnaval!*...

Casou-se, em Nitheroy, com a Exma. Sra. D. Angelina de Carvalho Leite, o Sr. Dr. Jorge Alberto Leite Pinto. Desejamos-lhes mil felicidades.

FALLECIMENTO

Temos a registrar pezarosamente a morte de D. Luiza Regadas, uma henerita da grande causa do abolicionismo na Côte, causa a que ella dedicou o melhor de sua alma e de suas forças. Foi o rouxinol do abolicionismo—como bem disse *Eloy o heróe*.

FESTAS BAILES E CONCERTOS

CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ

A commissão de socios d'este Club, por elle encarregada de offerecer ao seu presidente honorario, o Sr. F. J. de Figueiredo Cardoso, um sarão artistico e dançante, desempenhou-se galhardamente d'esse oncaro, realizando tal earão no ultimo sabbado, com extraordinaria concurrencia de senhoras, de socios e do convidalhos.

Brihantemente organizada, a festa começou pela execução do seguinte programma:

1ª parte, representação do drama em 2 actos original do Sr. Figueiredo Cardoso, *Pombal e os Jesuitas*, desempenhado por amadores, entre na quaes muito se distinguiram as Exmas. Sras. E. Chello. E. de Oliveira e A. Coulomb. 2ª parte — Inauguração do retrato do Sr. Figueiredo Cardoso, pronunciando, a proposito, um bello discurso, o Sr. J. Reynaldo de Faria. Falou tambem o Sr. Consul de Portugal, sandando o Sr. F. Cardoso.

Este cavalheiro respondeu, agradecendo aquellas manifestações.

3ª parte.— Representação da espi-rituosa comedia *Milagre de Santo Antonio*, magnificamente desempenhada.

Seguiu-se um salmedissimo baile em que tomaram parte cerca de 200 parea, dançando-se até á madrugada do domingo.

O salão estava artisticamente decorado. Havia profusão de luzes, boa musica e a gentileza o hellas toilettes de muitissimas senhoras.

A directoria e a commissão de offer- tantes foram prodigas de finezas e amabilidades para com os seus convidados, preeditando a toda a festa e maior ordem e animação possiveis.

CLUB DOS TUCANOS.

Na mesma noite deu esta florescente associação uma hella partida familiar, dançando-se animadamente até hora hastente adeantada.

Elegantemente ornados, os salões estavam repletos de distintas familias e convidados, para quem a directoria e socios foram de inimitavel gentileza.

CLUB DOS POLITICOS.

Um elegante e artistico cartão avisou-nos de que o *high-life* do *demi-monde* se congregaria ali eebado para arru- har aquellas melodiosas phrasas que enchem de harmonias encantadoras os esplendorosos salões da sympathica associação.

Dizer que lá estivemos, seria por demais inutil, porque o que é certo é que lá estaríamos ainda se o implacavel Phebo não tivesse vindo dizer-nos que eram horas de nos recolhermos a bastidores.

Um brvvo aos Politicos!

A Sociedade Recreativa e A. S. José solemnisa hoje com um baile a posse da sua nova directoria.

LORGNON.

RECEBEMOS

— *Veneno, envenenamento e jurisprudencia relativa* — *Assassinato de Rosário Bani, distincção entre o suicídio e o homicidio por ferimento*, extractos da Revista dos cursos praticos e theoreticos da faculdade de medicina, publicados em dous folhetos pelo Dr. Antonio M. Teixeira.

— *A Estação* — n. 2 do XVI anno. Alem de bellissimos figurinos traz uma boa parte litteraria e uma gravura— *Mercado de Urechki*.

— Da importante casa Henri Nicoud & C. on. 2 do anno 299 do *Printemps* e 1 e 3 do anno 12 do *Salon de la mode*.

— *Considerações Politicas* — Sob este titulo publicou o Sr. Melvino Reis a circular e manifesto—agradecimento dirigido ao corpo eleitoral d'esta capital e provincia do Rio de Janeiro por occasião da ultima eleição senatorial.

— De casa editora David Corazzi, representada nesta capital pelo Sr. José de Mello, o fasci. 13805 *Instituições de Lubba*, 58 da *Historia de Gil Braz de Santilhana* e 25 da importante

publicação em portuguez das *Fabulas de La Fontaine*.

— *O Brazil Medico* — n. 3. E' uma importante revista de medicina e cirurgia.

— *These* — do Dr. Franklin de Faria.

— *Jornal dos Economistas* — n. 2. Traz varios e bem elaborados artigos sobre finanças, industrias etc.

— *These* do Dr. Toledo Dodsworth. Versa sobre — *Genucalgum* e seu tratamento no adulto. Foi approvada com distincção.

— *Jornal do Domingo* (Sergipe) n. 3.

— *O Passourense* — n. 5. como sempre bem redigido e de leitura variada.

— *Revista Illustrada* — n. 419. Recomendavel pelas suas boas caricaturas e magnifico texto.

— *Periodo Historico do Excellentissimo Rei Santarem, pelo Felto Mandaracá*. Foi-nos remetido pela redacção do «Rio Branco».

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—**Rua do Carmo n. 36.**

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«**O Municipio**» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Corveja e aguas minerais—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apperellos para lavoura—Schubert Irmãos, Ilaas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Braudão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estacção do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhum addicção de outra qualidade de aguardente. Pedese toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valais & C., 34 rua da Alfandega.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

M DA I
X DE M

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

RASOIR MECANIQUE

NAVALHA MECANICA

Onze medalhas de ouro em exposições na Europa e Estados Unidos

FACIL DE MANEJAR E IMPOSSIVEL DE FERIR

INDISPENSAVEL A TODOS

LAMINAS EXTRAORDINARIAS PARA O RASOIR

Umbelino Dias — unico importador na America do Sul

60 Rua da Uruguayana 60

Distribuição gratuita do almanack Bain.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o **Café Oriente**, da fabrica n vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

AMERICANA

Esta excellente bebida, composta de substancias inteiramente inoffensivas á saude, como o demonstrou a analyse feita no Laboratorio do Hygieno pelo distincto medico Dr. Borges da Costa, achase á disposição do publico no estabelecimento de

FARIA BRAGA & C.

14 Rua da Guarda Velha 14

T. D.

S. E. C.

TENENTES DO DIABO

HOJE

SABBADO 12 DE FEVEREIRO DE 1887

SETIMA E ULTIMA

ANALYSE CHIMICA PULVERISANTE

EM HOMENAGEM

A'S VENUS CONTEMPORANEAS

Que não podem ser casadas
Nem devem ficar solteiras.

MAFARRICO, 2º secretario interino.

Só terão ingresso ao baile de hoje e aos de domingo e terça-feira de carnaval os Srs. socios que estiverem quites com a sociedade.

DR. SEGURADO, thesoureiro.

A commissão de carnaval roga aos Srs. socios inscriptos para os carros de criticas a fineza de reunirem-se hoje á noite na caverna.

A commissão.

600:000\$000

LOTERIA DE MINAS GERAES

5ª PARTE DA 1ª LOTERIA

A MELHOR E A MAIS VANTAJOSA DE TODAS DO IMPERIO

EXTRACÇÃO

Quinta-feira, 17 de Fevereiro de 1887

Unica que com a diminuta quantia de 1\$ dá direito á invejavel somma de

30:006\$000

REMESSAS PARA O INTERIOR COM TODA A PONTUALIDADE E

SEM COMMISSÃO ALGUMA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES

E NO ESCRITORIO DO CENTRO COMMERCIAL DE LOTERIAS

45 RUA DO OUVIDOR 45

SÓBRADO

Ou em Juiz de Fora em casa do thesoureiro o Sr. Francisco Antonio Brandi

LOTERIA DO GRAM-PARA'

200:000\$000

10ª PARTE DA 1ª LOTERIA

EXTRACÇÃO — Quinta-feira 10 de Fevereiro — **EXTRACÇÃO**

AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedeencia e sem commissão

23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

EMULSÃO DE SCOTT

DE OILLO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela Junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchitos, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simplee de figado de bacalbão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydroposphitos. A' venda nas drogarias e boticas

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR HOJE 12 DE FEVEREIRO IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje tem apparecido; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

EXTRACÇÃO
HOJE
12 DE FEVEREIRO
PROXIMO FUTURO
Não ha transferencia
PREMIO MAIOR
2,000:000\$000

PLANO

1 Premio de.....	2.000:000\$000
1 dito de.....	1.000:000\$000
1 dito de.....	500:000\$000
1 dito de.....	200:000\$000
1 dito de.....	100:000\$000
2 ditos de.....	50:000\$000
10 ditos de.....	20:000\$000
30 ditos de.....	10:000\$000
99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a	5:000\$000
99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a	2:000\$000
99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a	1:000\$000
99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a	500\$000
99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a	300\$000
5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivè, a.....	200\$000
50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for igual ao da sorte grande, inclusivè, a.....	20\$000
2 aproximações para o 1º premio a.....	50:000\$000
2 ditos para o 2º premio a.....	30:000\$000
2 ditos para o 3º premio a.....	20:000\$000
2 ditos para o 4º premio a.....	10:000\$000
2 ditos para o 5º premio a.....	4:400\$000
35.552 premios no valor de.....	7.500:000\$000
Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas.....	2.500:000\$000
500.000 bilhetes a 20\$000.....	10.000:000\$000

EXTRACÇÃO
HOJE
12 DE FEVEREIRO
PROXIMO FUTURO
Não ha transferencia
PREMIO MAIOR
2,000:000\$000

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedeencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico—Pardal—Caixa do Correio n. 301—Rio de Janeiro

GRANDES ARMAZENS

DE

FAZENDAS, MODAS E ARMARINHO

DE

VILLA VERDE & NUNES

53 RUA DO OUVIDOR 53

66 B RUA DA QUITANDA 66 B

AU PARC ROYAL

10 E 12 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 10 E 12

AU BOULEVARD

6 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 6

Os proprietarios destes importantes estabelecimentos, talvez os mais bem sortidos no seu ramo de negocio nesta Corte, collocam-se em circumstancias especiaes a fim de fornecerem aos seus freguezes todos os artigos do seu importante sortimento por preços consideravelmente baratos, e **sem competencia**, com a dupla vantagem de receberem semanalmente todas as novidades que apparecem nas principaes praças da Europa.

O systema adoptado de vender só a dinheiro á vista com limitadissimo interesse, por ser o unico conveniente para o consumidor, tem-nos facultado o ensejo de augmentar sensivelmente as vendas em nossos estabelecimentos e por conseguinte obriga-nos a ter sempre um completo sortimento de tudo quanto é concernente ao nosso ramo de negocio, como se vé do resumo abaixo:

RESUMO

Sedas, gazes, grenadines, setins e velludos.

Tecidos de lã em peças, para vestidos, e em cortes.

Tecidos de algodão, de grande fantasia, proprios para a actual estação.

Fustões, mousselines, setinetas, percales, resilles, hayadères, cassas, ranzouks, camhraias de linho e de algodão, chitas, riscados, etc., etc.

Morins, cretonnes, linhos para lençoes e para fronhas, irlandas e algodões.

Tecidos para estofos, cortinae e reposteiros; cortinas, cortinados, colxas, de seda, de algodão, cobertores, enxovaes hordados para cama, fronhas ençoes, tapetes de todos os tamanhoe.

Camisas para homem, para meninos e para sençoras; ceroulas, meias, saias, lençoes, camisas de seda, de flanela, de meia de algodão, etc., etc.

Leques, luvas, ligas, chapéos de sol lieoe de fantasia, para senhoras e crianças.

Capas, fichús, paletots, vestidinhos, chales, sahidas de haile e grande diversidade de confecções.

Enxovaes para baptisado, toucas, chapéos de setim e fustão, binoculos para theatro, holsinhas, carteiras, etc.

Rendas, fitas e tudo quanto é concernente ao mais bem sortido armarinho.

Tomam-se encomendas de vestidos por medida, feitos com a maxima perfeição pelas melhores costureiras.

Fornece-se enxovaes completos para noivas, desde o preço de 100\$ com os mais elegantes sapatos de setim, inclinsive.

Convidamos pois todas as Exmas. familias a visitarem os nossos estabelecimentos, onde, a par da maior modicidade de preços, encontrarão tudo quanto se possa desejar de bom gosto.

Villa Verde & Nunes.